

XVIII

CIC

XI ENPOS
I MOSTRA CIENTÍFICA



Evoluir sem extinguir:
por uma ciência do devir



LUGARES-MEMÓRIAS COMO RESERVATÓRIOS DO IMAGINÁRIO DE UMA PROFESSORA DE LÍNGUA INGLESA

WILDT, Ana Paula Alba¹.

*¹Programa de Pós-Graduação em Educação/Faculdade de Educação – PPGE/FaE/UFPel
Campus das Ciências Sociais – 2º andar – CEP 96101-770. anapaulaalbawildt@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a investigação-formação que desenvolvi na dissertação do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Pelotas entre 2007 e 2009, intitulada “A reinvenção de uma professora de Língua Inglesa: lugares-memórias como reservatórios do imaginário”, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Lúcia Maria Vaz Peres, na linha de pesquisa “Cultura Escrita, Linguagens e Aprendizagem”.

Tem como objetivo apresentar uma problematização e uma reflexão acerca da minha reinvenção como professora de Língua Inglesa e, sobretudo, como ser humano, a partir dos meus lugares-memórias, isto é, dos meus espaços de formação, na perspectiva dos estudos sobre processo formativo, narrativa autobiográfica, memória e imaginário.

Conforme Peres (2006), “o imaginário é concebido como um conjunto de intimações psíquicas, sociais e culturais que, na inter-relação com diferentes aprendizagens e modelos, foram fomentando, constituindo e tecendo a trajetória [do indivíduo]”. Desse modo, ao adentrar o imaginário do sujeito, é possível compreender os movimentos (auto)formadores do seu percurso de vida.

Para tanto, são utilizadas escritas autobiográficas. De acordo com Josso (2004, p.265), a narrativa de formação é uma porta de acesso ao imaginário. Pelo ato de rememorar a própria história de vida através da narrativa de si, o indivíduo presentifica o passado, tomando consciência sobre o seu processo formativo e passando a orientar o seu futuro numa dimensão ético-estético-política (FARINA, 2006). É na constatação de que é um “ser vivo em transformação” que o sujeito permite reinventar-se (JOSSO, 2007).

O termo “reinvenção”, portanto, é referente à obra de Josso (2004; 2007) e se deve aos múltiplos caminhos de formação percorridos até a minha entrada no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPel, em 2007, quando finalmente

me (re)descobri professora de Língua Inglesa e optei, em definitivo, por essa carreira.

Por sua vez, o conceito de “lugar-memória” tem origem na obra de Frago (2001) e designa os lugares os quais me proporcionaram não só aprendizagens formais, como principalmente o que Durand (1988) denominou “conhecimento indireto”, ou seja, aquele conhecimento subjetivo, poético, para além da realidade objetiva, tão potente e fecundo para apreender novas respostas a antigos questionamentos.

Conforme Frago (2001, p.63), “o conhecimento de si [...], a memória, em suma, é um depósito de imagens [...] de lugares nos quais algo de nós ficou e que, portanto, nos pertencem; que são, portanto, nossa história”. Para o autor, “o que recordamos são espaços que levam dentro de si, comprimido, um tempo”.

Nessa perspectiva, foram escolhidos como meus lugares-memórias o ambiente familiar, o colégio onde estudei, a escola de idiomas onde aprendi e atualmente leciono Inglês, a cidade no sul dos Estados Unidos onde realizei meu intercâmbio cultural, a Faculdade de Direito, cuja graduação concluí, e a própria Faculdade de Educação, motor da minha escolha pela docência de Língua Inglesa.

A pesquisa visa a demonstrar que os meus lugares-memórias desempenharam um papel fundamental na minha formação/reinvenção, consistindo no que Silva (2004) denomina “reservatórios do imaginário”, uma vez que originaram e armazenam imagens, afetos, experiências e sensações os quais têm permeado as minhas escolhas e práticas profissionais e pessoais.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A partir da identificação dos meus lugares-memórias, passei a tecer uma narrativa das imagens e experiências (auto)formadoras desses espaços. Essa narrativa de memórias de formação foi intercalada por fotografias de mim nas diferentes fases da vida, bem como de objetos e escritas os quais fizeram e fazem parte do meu processo formativo.

Meu imaginário foi acessado através desse conjunto de memórias, à medida que deixei transparecer as minhas representações nas entrelinhas da minha escrita autobiográfica.

A pesquisa passou por diferentes fases até a sua conclusão. Primeiramente, foi necessário aceitar o desafio de levar as minhas memórias de formação do plano da interioridade para a esfera pública. Depois, experimentei um “estranhamento de mim” (JOSSO, 2004), um distanciamento entre o *eu* passado e o *eu* presente.

A seguir, identifiquei os lugares-memórias e as imagens e experiências marcantes tidas e produzidas nesses espaços de formação. Por último, refleti sobre a importância dos lugares-memórias no meu processo de reinvenção a partir de sua relação com as minhas escolhas e práticas profissionais e pessoais na atualidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao tecer uma análise acerca da importância dos lugares-memórias no meu processo de reinvenção como professora de Língua Inglesa e, naturalmente, como pessoa, percebi que as matrizes da minha atuação docente estiveram presentes desde a minha infância.

Pelo exercício autoformador da escrita autobiográfica, emergiram as imagens da mãe-professora, da incitação paterna à leitura, da delicadeza da professora

alfabetizadora, da afetividade no contexto escolar, das interações com as pessoas e com a natureza, dos desafios de aprender, compreender e viver uma cultura estrangeira a partir de sua língua, da objetividade e do distanciamento na esfera jurídica, da distinção entre Direito e Justiça, da realização profissional e pessoal em fazer parte das vidas de tantos alunos e, finalmente, do desejo por uma orientação existencialista, refletido na decisão de ser (e não simplesmente estar) educadora.

4. CONCLUSÕES

A tomada de consciência sobre o meu processo formativo, completada através da narração, da problematização e da reflexão acerca dos meus lugares-memórias possibilitou, parafraseando a escritora chilena Isabel Allende, o fechamento dos círculos da minha trajetória, isto é, a costura das imagens e experiências tidas e produzidas nos meus espaços de formação com o atual exercício da profissão docente e a escolha por uma orientação existencialista.

Desse modo, os lugares-memórias constituem reservatórios do meu imaginário porque originaram e armazenam imagens, afetos, experiências e sensações os quais continuam subsumidos nas minhas vivências profissionais e pessoais, sendo, portanto, balizadores da minha reinvenção, uma vez que apontaram para uma trajetória de vida e formação orientada, desde o princípio, para uma dimensão ético-estético-política a qual me direcionou para a escolha por este modo de vida e esta profissão.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, EDUSP, 1988. 116p.

FARINA, Cynthia. Estética da formação. **Cadernos de Educação da Universidade Federal de Pelotas**, n.27, p.193-205, jul./dez. 2006.

FRAGO, Antonio Viñao. Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. In: FRAGO, Antonio Viñao; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade – a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p.59-139.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004. 285p.

_____. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação PUCRS**, v.30, n.3, p.413-438, set./dez. 2007.

PERES, Lúcia Maria Vaz. Imagens que coabitam nas aprendizagens de professoras: reflexões para a formação inicial. In: PERES, Lúcia Maria Vaz; PORTO, Tania Maria Esperon (Orgs.). **Tecnologias da educação: tecendo relações entre imaginário, corporeidade e emoções**. Araraquara: Junqueira&Marin, 2006. p.165-176

SILVA, Juremir Machado da. Tecnologias do Imaginário. In: PERES, Lúcia Maria Vaz (Org.). **Imaginário: o “entre-saberes” do arcaico e do cotidiano**. Pelotas: UFPel, 2004. p.19-67.